

A produção da cerâmica pelas mulheres Terena: interfaces entre cultura material, gênero e território tradicional¹

Luciana Scanoni Gomes – GTTur (Grupo de Trabalho e Pesquisa em Turismo)/UFMS
Juliana Fernandes Kabad – Fundação Nacional de Saúde/MS

Resumo

A análise da produção da cerâmica terena parte do pressuposto de que o território está representado não somente pelo uso, ocupação ou manejo de determinado espaço pela população de uma aldeia; mas combina um conjunto de significados a ele associados e que estão diretamente relacionados com os mecanismos de produção e reprodução da sociedade. Tais fatores são fundamentais na constituição da identidade social da sociedade Terena, que habita atualmente o Mato Grosso do Sul. Na composição dessa identidade, inserem-se as construções sociais e de gênero que delineiam os comportamentos de homens e mulheres. Neste sentido, o presente trabalho pretende discutir a interface da produção de cerâmica com as construções sociais de gênero e as formas de territorialização. A cerâmica, artefato intimamente relacionado com o território de ocupação tradicional (e agora reivindicado) pelas populações das comunidades Terena de Cachoeirinha e Buriti, é produzida exclusivamente por mulheres, caracterizando a identidade feminina. Na situação atual, esse artefato transforma-se numa das principais referências de identificação étnica, o que proporciona as mulheres um papel de destaque no cenário político de interação com a sociedade envolvente.

Palavras-chave: Terena – Gênero – Cerâmica

Introdução

O povo Terena atual é o segundo maior contingente populacional indígena do Mato Grosso do Sul e habita predominantemente a região Oeste do Estado, em aldeias demarcadas pelo Serviço de Proteção aos Índios no início do século XX; bem como aldeias urbanas em diferentes municípios sul-mato-grossenses; bairros da periferia na capital Campo Grande e ainda na Terra Indígena de Dourados, convivendo junto com a população Guarani e Kaiowá. Vinculados à família lingüística Aruak, os Terena, segundo cronistas e viajantes que os conheceram no período colonial (OLIVEIRA, 1976), integravam no passado à nação Guaná, juntamente com os Echoaladi, Layana e Kinikinau. Esses povos foram alguns dos primeiros a ser contatados pelos europeus, na época da colonização, quando ainda ocupavam as regiões próximas a Bacia do Rio

¹ Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de Junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.”

Prata (local que atualmente abrange o Paraguai e a Bolívia), onde portugueses e espanhóis buscavam ouro e pedras preciosas.

De acordo com Bittencourt e Ladeira (2000), a história da população Terena pode ser dividida em três períodos: tempos antigos, tempos de servidão e tempos atuais. Os primeiros remetem à fase em que não havia pressão para ocupação das terras, quando o grupo organizava e construía livremente suas aldeias. O segundo acontece após a Guerra do Paraguai (1864-1870), quando se inicia a ocupação externa na região decorrente do conflito – este considerado um marco na história da etnia, tendo como principais consequências: a espoliação das terras que ocupavam e a necessidade de reorganização do espaço territorial, bem como, uma mudança radical no seu modo de vida. Já os tempos atuais se iniciam com a demarcação das primeiras reservas indígenas a partir de 1905.

Diante do processo de reorganização da ocupação territorial e a demarcação das primeiras reservas, a população que se encontrava dispersa em fazendas e municípios da região, passa a ocupar tais reservas e a restabelecer os vínculos de parentesco, práticas culturais e organização política e econômica. Vargas (2003) identifica este período como processo de territorialização, que consiste na articulação dos índios frente às novas situações de vida e também na atualização da cultura e afirmação da identidade.

Com a Constituição Federal de 1988 é garantido aos povos indígenas do Brasil, o direito à diversidade cultural e aos territórios tradicionais, conforme seus usos e costumes. Neste contexto, a identidade étnica dos Terena – que ao longo do século XX foram tidos pela antropologia e o indigenismo institucional como populações que estavam em processo de assimilação à sociedade nacional – passou a ser emergente enquanto condição para a conquista de tais direitos. Foi a partir dessa situação que o grupo iniciou as lutas pela ampliação de suas terras, com vistas à reconquista do espaço que tradicionalmente habitavam.

Tendo em vista que o território representa não somente o uso, ocupação ou manejo de determinado espaço, mas sim o conjunto de significados atribuídos a ele e que estão diretamente relacionados com os mecanismos de produção e reprodução da sociedade, este trabalho pretende discutir a interface existente entre as formas de territorialização, as construções sociais de gênero e a produção de cerâmica – artefato produzido exclusivamente pelas mulheres. Vale ressaltar que nem todas as mulheres Terena tornam-se ceramistas, e que estas, por sua vez, não representam a totalidade do universo feminino desta população. Atualmente a fabricação de cerâmica está associada a propósitos que vão muito além do uso doméstico ou interno, conforme será demonstrado posteriormente.

Os dados apresentados no presente artigo foram coletados em pesquisas de campo realizadas entre os Terena que habitam a Terra Indígena Buriti (localizada nos municípios de Dois Irmãos do Buriti e Sidrolândia) e Cachoeirinha (município de Miranda), nos anos de 2005 e 2006 e discutidos nos Trabalhos de Conclusão de Curso das autoras², apresentados na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

É importante esclarecer que as duas aldeias onde foram realizadas as pesquisas, apresentam realidades distintas no que concerne à sua organização sócio-política e às práticas culturais. A T. I. Buriti apresenta mais influências externas devido ao próprio processo de formação da reserva, que acabou por integrar diversas famílias que estavam dispersas pela região enquanto que Cachoeirinha é uma área que onde as manifestações culturais são tidas como mais tradicionais em relação às demais aldeias do grupo no Estado. Para o povo Terena é considerado tradicional tudo o que tem origem ancestral e é contínuo ao longo da história.

A análise aqui apresentada não pretende aprofundar sobre as formas de territorialização, mas somente o necessário que nos leva a perceber o universo feminino através da fabricação da cerâmica, como será demonstrado na etnografia.

Usos e olhares sobre o território

Os territórios sobre os quais as diferentes sociedades conferem significados e atividades estão diretamente relacionados ao sistema de valores que orientam as práticas políticas e econômicas, rituais religiosos, relações de parentesco, entre outros aspectos. Conforme definição de Little a territorialidade é “[...] esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu ‘território’” (LITTLE, 2002, p. 03).

Dentre o sistema de valores, estão inseridos as construções e representações sobre os comportamentos dos homens e mulheres que, por sua vez, determinam a utilização do espaço pelo grupo e as atividades desenvolvidas de acordo com cada sexo. Mesmo quando existe mobilidade entre os papéis, é possível diferenciar como ambos utilizam o território, no plano

² As autoras do presente artigo integraram a equipe do projeto de extensão “Cultura Material Terena: Produção, Preservação e Divulgação”, coordenado pela Prof. Dr^a. Dulce Ribas, do departamento de Saúde Pública e Tecnologia de Alimentos da UFMS. O projeto teve como intuito recuperar as práticas antigas dos Terena, identificar os artefatos representativos da sua tradição e assim, realizar oficinas de aprendizagem das peças. A partir dessa situação, as autoras despertaram o interesse pelo grupo em questão, tendo Kabad realizado seu TCC na TI Buriti, discutindo a relação entre território e gênero, enquanto que Scanoni Gomes trabalhou sua monografia na TI Cachoeirinha, onde realizou uma etnografia da cerâmica terena. Ver títulos dos trabalhos nas referências bibliográficas.

físico e simbólico, e quais as atividades e importância desses usos para a manutenção da sociabilidade do grupo.

Como indicam as referências conceituais sobre essa temática, mulheres e homens nas diversas sociedades humanas apropriam-se de representações conforme a maneira que determinada cultura realiza a socialização dos indivíduos, que ocorre de forma particular segundo o sexo, através do significado atribuído às especificidades biológicas. Portanto, a categoria “sexo” está intimamente relacionada com a composição biológica, já o conteúdo social atribuído a cada sexo pode ser categorizado enquanto “gênero”, que permite compreender os comportamentos e representações sociais de cada sexo (CAMURÇA, 2003).

A categoria gênero nesse sentido, de acordo com Paulson (2002), consiste em perceber que as representações e comportamentos considerados masculinos e femininos são construções sociais que perpassam pelo imaginário social e orientam as identidades subjetivas, influenciando conseqüentemente as relações sociais estabelecidas, e daí, as relações entre os sexos. Essas relações ocorrem nos diferentes espaços e atividades, na disposição da linguagem e comunicação, no valor simbólico e na distribuição do poder, segundo as especificidades de cada cultura e sociedade e seus sistemas de organização social.

No que se refere ao tratamento dessa temática nas populações indígenas, pode-se afirmar que por muitos anos, as características culturais, comportamentos e valores dos indivíduos de diferentes sociedades foram predominantemente descritos – na literatura e na etnografia clássica, a partir de uma categoria genérica de “homem”. Essa categoria estava inserida na percepção de nativo, que de certa forma, dava maior visibilidade às práticas masculinas, intimamente relacionadas aos padrões e práticas trazidas pelos pesquisadores. (LASMAR, 1998).

Por isso, muito pouco foi registrado de fato sobre as mulheres indígenas. Na historiografia, etnografias e descrições de missionários e viajantes há pouca menção aos hábitos e história dessas mulheres. E isso não é um caso específico, se configura devido à falta de visibilidade dada a elas em grande parte dos estudos de sociedades, demonstrando que “[...] a invisibilidade das mulheres indígenas é parte da invisibilidade das mulheres em geral, enquanto sujeitos históricos de processos sociais e políticos [...]” (LASMAR, 2000, p. 271).

Mais recentemente, as etnografias passaram a ressaltar os comportamentos de gênero como elemento integrante da compreensão integral da realidade social. As diferenciações mais presentes nessas descrições referem-se ao fato de que na maioria das sociedades indígenas as atividades de caça e pesca, fabricação de artefatos de guerra está associada à força e são

designadas aos homens ao passo que as atividades de parir, cultivo, fabricação de artefatos caseiros estão associadas à sensibilidade e designadas às mulheres.

Papéis de gênero

Como foi explicitado anteriormente, muito pouco foi produzido sobre as mulheres indígenas e isso se aplica também às mulheres Terena. Algumas menções foram feitas por cronistas e viajantes como Francis Castelnau, em 1845 (VARGAS, 2003) bem como por antropólogos a exemplo de Roberto Cardoso de Oliveira - a partir da década de 1950 - e Gilberto Azanha, em período mais recente. Tais descrições pontuais versavam sobre a fabricação das cerâmicas e tecelagem de algodão – atividades propriamente femininas, entre outras, porém em nenhum deles há referência sobre essas mulheres como sujeitos importantes na sociabilidade terena ou uma análise sobre as construções de gênero, dado o período e as preocupações vigentes no contexto de produção dessas pesquisas.

Maria Cristina da Silveira Galan (1994) busca introduzir essa temática através da reconstituição histórica dessas mulheres Terena com a preocupação de analisar a sua importância no processo de mudança cultural e na incorporação de sua produção pela economia regional a partir da perspectiva integracionista. Outro trabalho sobre o mesmo tema, porém com enfoque diferente, foi de Sandra Cristina de Souza (2000), em que procurou perceber a construção do espaço ocupado pelas mulheres dessa etnia nas aldeias e nas cidades. Em ambos os trabalhos, foi possível observar que existem atribuições propriamente masculinas e femininas para os Terena, especialmente no que concerne à divisão sexual do trabalho.

De um modo geral, tanto nas bibliografias quanto nas pesquisas de campo, percebe-se uma clara divisão dos papéis sociais desempenhados por homens e mulheres, sendo possível inferir que os papéis atribuídos a elas estão relacionados ao espaço privado, enquanto que o espaço público, aos homens. Neste sentido, as noções de público e privado estão vinculadas, respectivamente, ao trato das questões políticas – que envolve negociação com as sociedades envolvidas e de proteção à comunidade; e no cuidado à família e filhos – como também no cuidado da casa, a coleta de alimentos e na fabricação de artefatos domésticos.

Sobre o universo feminino, Galan (1994) afirma que pode haver uma associação lógica entre a mulher, a terra, a produção da cerâmica e a criação da vida. “Como a arte ceramista é realizada com o barro associa-se também à criação de vida, como a terra de que é feita, decorrendo daí sua maior ligação com a mulher (também geradora de vida)” (GALAN, 1994, p.

63). Conforme Scanoni Gomes (2006) essa ligação também remete ao fato da cerâmica ter sido criada para contemplar uma necessidade humana básica que é a de cozinhar os alimentos, ou seja, recursos indispensáveis para o sustento da vida, mais uma atribuição feminina.

Toda essa realidade tem como referência a cosmologia do grupo, como fica evidente no mito de origem do povo Terena, que conta como o herói civilizador duplo Yurikoyuvakái tirou o grupo de baixo da terra e dividiu o trabalho entre homens e mulheres.

[...] o herói civilizador dá aos homens as armas e os instrumentos agrícolas, e, às mulheres, o fuso, justificando a divisão do trabalho masculino e feminino. Se a limpeza da roça e o preparo da terra eram tarefas masculinas, às mulheres cabiam as tarefas de fiação, a cerâmica e cuidados caseiros (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000, p.119).

Fica claro, portanto, que entre os Terena, a cerâmica é uma atribuição feminina, assim como outras atividades econômicas. No plano doméstico, as mulheres realizam a coleta de palmito, produção de objetos de barro e auxiliam os homens nos períodos de colheita. Com o aumento da comercialização do artesanato, parece que elas também estão ocupando o espaço público, pois transitam pelas feiras, mercados, lojas de souvenirs e de porta em porta nas cidades, vendendo os produtos trazidos da aldeia.

O lugar dos homens na sociedade Terena

Ainda de acordo com Scanoni Gomes (2006), as atribuições masculinas referentes aos artefatos de barro consistem apenas em ajudar a carregar o barro e a lenha, se houver muita dificuldade para as artesãs. Ademais, estão relacionadas aos trabalhos nas roças próprias, nas fazendas da região, nas destilarias, como professores na escola indígena e ainda atuando como agentes de saúde. Ainda que atualmente enfrentem muitos obstáculos com relação à sua tradicional prática agrícola, os homens - como em tempos passados - ainda falam de sua vocação de agricultores, pois é essa atividade que tradicionalmente define seu ethos e sua visão de mundo.

Na sociabilidade terena, de uma maneira geral, os homens são protagonistas das situações de negociação e conflito, além de porta-vozes nos assuntos políticos e na articulação com a sociedade brasileira de uma maneira geral. O discurso masculino é valorizado na comunidade devido à proximidade com essas atividades e conseqüentemente com os fatos que marcam a vida de toda população, ocupando notadamente o lugar das atividades públicas (KABAD, 2006). O protagonismo político está intimamente relacionado com o papel de liderança reconhecida nas aldeias, que é necessariamente vinculado ao papel social que os homens desempenham. Aliado a

essa idéia, conforme observação de Azanha, “são estes ‘assuntos’ (a ‘política’) que mobilizam o cotidiano das ‘lideranças masculinas’” (AZANHA, 2004, p. 17)

Segundo Kabad, mesmo quando eles não se tornam lideranças – pois nesse caso já envolve uma habilidade pessoal somado à organização social do grupo – são eles que participam das reuniões, decidem sobre o plantio, os aspectos econômicos, que pensam e resolvem coletivamente os problemas entre aldeias e as famílias, fornecem proteção e segurança para a comunidade e ainda articulam politicamente com outras etnias, fazendeiros e com o Estado. Nesse contexto, a luta pela reconquista das terras, permitiu o prestígio de algumas lideranças que acabaram por fortalecer os papéis já desempenhados pelos homens no trato das questões públicas (KABAD, 2006).

Diante disso, pode-se concluir que a construção social do masculino entre os Terena passou por modificações diante os processos de mudança cultural que vivenciaram no último século, especialmente no que concerne a territorialização. Além de possuírem o papel de proteger as terras e a comunidade, como antigamente, foram eles quem se organizaram em prol de seus direitos, frente aos muitos problemas com o antigo SPI, com as instituições indigenistas e com os novos proprietários de suas terras (KABAD, 2006).

As ceramistas e os aspectos rituais da produção

Os estudos de Etnologia demonstram que, de uma forma geral, a produção da cerâmica dos povos indígenas do Brasil é uma atividade exclusiva das mulheres. Com exceção dos Yanomâmi, Yekuana, Waharibo e, mais recentemente, dos Waurá, que incorporaram o elemento masculino à sua confecção, devido ao aumento da demanda de peças. (LIMA, 1987, p.173-174).

Assim, de acordo com a etnografia realizada entre os Terena, a prática de cerâmica é uma atividade adulta, em geral das mulheres casadas, que contribuem com o orçamento familiar, vendendo os artefatos nas cidades próximas da aldeia ou para algum visitante, que vai até a área seja à procura dos artefatos, como os donos de lojas, seja para visitar amigos e parentes.

Segundo Scanoni Gomes (2006), as ceramistas são reconhecidas dentro da aldeia por serem as detentoras do conhecimento sobre a cerâmica; pela dificuldade inerente ao processo de produção das peças, pois é um trabalho considerado “difícil e pesado”; e também, mais recentemente, por contribuírem com a renda da família, vendendo os artefatos na cidade.

Como é um saber transmitido de geração em geração, ele é transmitido às meninas pelas mães ou com as avós. Ainda pequenas, ficam perto das mulheres, observando o trabalho e

brincando com o barro. Contudo é na adolescência que começam a serem cobradas pela produção, fato que acontece na atualidade em função da renda que a venda do artefato ocasiona. Assim, as mães distribuem as tarefas para agilizar a produção. Antigamente, conforme contam as oleiras, só as garotas que tinham “dom” e paciência aprendiam e continuavam a fazer as peças de barro, pois na visão delas, é preciso perseverança diante de uma atividade tão trabalhosa (SCANONI GOMES, 2006).

Para dar conta da produção da cerâmica, que atualmente tem uma grande demanda decorrente do aumento do fluxo de turistas no Mato Grosso do Sul, as ceramistas acordam cedo e ficam o dia inteiro dedicadas ao feitiço do artefato, a ponto da preparação do almoço ficar como uma incumbência de alguma filha. Isso também acontece porque um dos interditos relacionados à prática da cerâmica, como abordaremos mais adiante, é o de não cozinhar. Desse modo, Scanoni Gomes (2006) afirma que por meio da cerâmica, a mulher Terena que antes processava os alimentos nos utensílios de barro, provendo comida para a família, agora provê outro tipo de subsistência de uma nova maneira: vendendo suas peças para a crescente indústria do turismo, trasladando do espaço doméstico para o público.

A mesma autora ainda faz uma breve incursão da produção ceramista como uma atividade ritual, separada da vida cotidiana. “As ceramistas, quando vão confeccionar os artefatos, se retiram para um lugar reservado, como a varanda, o quintal e abandonam a sua rotina de cuidar da casa, passando esta tarefa para as filhas, e se dedicando exclusivamente ao feitiço da cerâmica” (SCANONI GOMES, 2006, p.44). Quando se dedicam à confecção da cerâmica, as mulheres assumem uma posição à qual se atribui grande significado, pois ela é um repositório de processos sociais que agregam prestígio a sua condição feminina.

Um outro aspecto observado na fabricação dos artefatos de barro é a existência de interdições que regulam o feitiço dos objetos, característicos do processo ritual conforme identificado por Turner (apud RIBEIRO, 1986). Geralmente, as interdições são perpassadas por ritos de evitação que “[...] visam limitar o contato entre o sagrado e o profano, preparando o iniciado para entrar no domínio do sagrado. A passagem do profano ao sagrado é marcada por abstinência sexual ou alimentar, esforços físicos e uso de vestimentas” (SEGALEN, 2002, p.21).

De acordo com Scanoni Gomes (2006), a cerâmica é uma prática que não pode ser feita de qualquer maneira, algumas regras têm de ser seguidas como, por exemplo, a privação da atividade durante a lua nova. Nesse período não se pode nem fazer as peças nem buscar o barro “A cerâmica é governada pela lua. A lua manda e a cerâmica sai da terra”.

Do mesmo modo, a menstruação representa uma proibição na produção e na coleta de matéria-prima, sob o risco de ameaçar o resultado final, como explica uma ceramista: “Se você está menstruada não dá pra entrar no buraco do barro. Não pode nem entrar na roça. Se você vai pegar uma melancia, as plantas apodrecem” (SCANONI GOMES, 2006, p.45). Vale ressaltar aqui que em muitos grupos, durante a menstruação as mulheres são vistas como impuras e ficam isoladas.

Uma outra interdição está relacionada com o ato de cozinhar, atividade proibida para a oleira antes de fazer as peças de barro. Assim, no dia de confeccionar os artefatos, a mulher não cozinha e geralmente uma outra assumirá essa função. “Esse negócio de barro é muito delicado. A gente não pode pegar com mão suja de sal. Se for fazer cerâmica, a outra que vai preparar a comida”. Conforme Scanoni Gomes (2006), as Terena justificam esse interdito apontando o sal como um elemento que em contato com o barro, anularia as suas propriedades. Caso alguma delas tenha que necessariamente cozinhar, será preciso lavar as mãos ou até tomar banho antes de iniciar o trabalho com a argila, como um ato de purificação que separa o profano do sagrado.

Caracterização da cerâmica e modo de fazer

A cerâmica terena é conhecida pela sua tonalidade vermelha (que para as oleiras é a cor da tradição terena) e desenhos na cor branca, assemelhados a uma renda. Sua estrutura é composta por três tipos de barros diferentes, sendo o preto usado para dar a forma ao artefato; o vermelho, a cor e o brilho que o grupo identifica como tradicional; e por último, o branco, que é utilizado para “bordar” as peças com motivos florais, pontilhados e mistos. Esses traços são para o povo Terena, indicativos da sua identidade e só poderiam ser modificados por quem tem autoridade para fazer, ou seja, pelas ceramistas que detêm o conhecimento ritual e técnico da atividade³.

Para começar a produção, as oleiras vão coletar a argila em buracos que cavam no meio do mato ou na beira de córregos e açudes, de onde saem com sacos ou bacias carregados na cabeça até as casas. Uma vez nas suas residências, dirigem-se aos quintais para retirar dos sacos, folhas, galhos e pedras que podem comprometer o resultado final, provocando rachaduras na cerâmica. Feito isso, a argila é então bem amassada para ser misturada ao “tempero” ou *catipé*,

³ A cerâmica terena não passou incólume às transformações resultantes do contato do grupo com a sociedade envolvente, muito pelo contrário, ela se inscreve como uma tradição que pode ser recriada num contexto de interação, principalmente porque ao ser comercializada, passa a atender às expectativas e interesses do mercado, no entanto, sem perder sua autenticidade. Para saber sobre as transformações na cerâmica terena nos últimos cinquenta anos, ver o trabalho de Scanoni Gomes nas referências bibliográficas.

que é a denominação de restos de cerâmica que quebraram e foram socados no pilão para serem reutilizados. Segundo as ceramistas, esse complemento evita as deformações e quebras das peças que estão sendo confeccionadas.

Em seguida, com a mistura pronta, a artesã começa a dar forma ao barro. Sentada em banquinhos ou tocos de árvores, com um pote de água e a bacia com a mistura ao lado, ela primeiro amassa o material, achatando-o sobre uma tábua. Esse primeiro trabalho será o suporte do artefato, para em seguida, num movimento de vai e vem com as mãos, começar a fazer os espirais ou cordas. Assim, juntam-se as cordas sobre a base de barro, comprimindo-as e modelando a massa, já preparando para a forma que será esculpida. Durante esse processo, feito com as pontas dos dedos nas partes externa e interna do objeto, a ceramista molha as mãos para umedecer o barro, facilitando, com isso, a modelagem. Conforme o artefato vai sendo constituído, ele é alisado com colheres e facas sem serras.

Terminada a modelagem, o objeto é posto num local fresco e arejado para firmar a sua forma, permanecendo ali por um dia. O próximo passo é cobrir o objeto com o barro vermelho por diversas vezes, até atingir a coloração ideal, e depois, colocá-lo para secar ao sol. Feito isso, a peça será polida com seixos ou pedras lisas, que as mulheres geralmente encontram na cidade e por isso são muito estimadas. Para os Terena, esse momento é de muito zelo com a cerâmica, pois além de ser a ocasião em que se consegue dar um brilho intenso à peça, é o instante no qual ela poderá quebrar se não forem tomadas algumas cautelas, como, por exemplo, proteger do vento.

Para terminar, é feita a decoração com o barro branco; assim os artefatos estão prontos para irem ao fogo. Para tanto, a ceramista faz um buraco no chão, coloca barras de ferro de base para segurar a lenha que precisa ser de fácil combustão, como a angico; também instala um suporte para poder assar os objetos; põe a madeira; acende o fogo e adiciona as peças cobrindo-as com lenha até tampar todos os artefatos. Em aproximadamente meia hora, a lenha terá virado cinzas e as peças estarão expostas ao ar livre.

Assim como as ceramistas Marúbo, as Terena utilizam uma taquara para retirar os objetos da fogueira, que ficam com um aspecto puxado para o marrom escuro logo após a queima, mas vai clareando e adquirindo a tonalidade vermelha conforme se resfria. Esse é mais um instante que exige muito cuidado, pois uma cerâmica muito queimada fica com a tonalidade ou nódoas amareladas, comprometendo toda a beleza da louça de acordo com as oleiras.

Essa breve descrição da técnica de fazer a cerâmica indica, entre tantas outras coisas, que: o barro é a principal matéria-prima utilizada no processo e que esta se encontra na natureza,

portanto, as oleiras reconhecem a sua qualidade e mostram que têm uma estrita ligação com o ambiente natural, pois além do conhecimento da argila, identificam qual é a melhor madeira para a realização da queima. Assim como, a retirada das matérias-primas do ambiente natural representa o espaço físico que abriga o conhecimento e utilização do território pelas ceramistas, consistindo em um uso propriamente feminino do mesmo. O que corrobora com a análise de Azanha ao verificar o equilíbrio ecológico na paisagem da TI Cachoeirinha:

As amplas áreas de vegetação ainda preservadas nestas reservas, apesar da pressão interna por novas áreas de cultivo – reflete a necessidade de manter-se as fontes básicas do trabalho interno das mulheres Terena – qual seja: a cerâmica, a cozinha e o extrativismo vegetal – e sua fonte de medicamentos (2004, p.9).

Afora a familiaridade com a natureza, o método de trabalho demonstra um conhecimento prévio do procedimento, pois, a cada etapa, a argila sofre mudanças físicas ao ser manipulada, exigindo um ritmo peculiar de manipulação sobre a matéria. Todo esse entendimento foi transmitido por meio de uma socialização das meninas, como foi mostrado anteriormente, na qual aprendem experimentando as possibilidades do material, errando, quebrando e finalmente, fabricando sua própria peça. Outro aspecto que vale ressaltar é que mesmo a cerâmica sendo produzida com o objetivo de ser comercializada, devendo atender às expectativas e interesses do mercado, ela é tida como um artefato tradicional que comporta o padrão étnico do grupo.

Considerações finais

Conforme o que foi exposto anteriormente, podemos concluir que os papéis sociais de gênero, entre os Terena, são desempenhados a partir de uma evidente marcação de espaços e comportamentos, fundamentados no mito de criação deste povo. No contexto de transformações sociais motivadas pelas frentes de expansão neobrasileira nas regiões em que habitavam e o posterior processo de desterritorialização e readaptação em reservas indígenas, fica evidente que tais papéis também foram sendo adaptados frente às situações em que se encontravam em especial, no que concernem os diferentes usos sobre o território.

Seria muito extenso expor neste artigo à maneira de organização social e política do grupo, assim como, as práticas econômicas mais desenvolvidas, tendo em vista que tais aspectos variam de cada aldeia. No entanto, os Terena, sempre foram identificados como agricultores, assim como, povos que realizavam intensas trocas culturais e parcerias com outras populações.

(OLIVEIRA, 1960). Neste processo, de usos sobre os territórios que ocupavam, ocupam atualmente ou reivindicam, os papéis de gênero foram desempenhados e sendo re-significados, estando designadas aos homens às atribuições de caráter público e às mulheres de caráter privado.

Porém, com os produtos das roças tornando-se cada vez mais escassos em função das áreas estarem pequenas devido ao aumento da população; bem como a crescente escolarização e a inserção das mulheres no mercado de trabalho, seja no interior (escola, serviços de saúde e etc) ou no espaço exterior às aldeias, tais papéis foram sendo adaptados às novas circunstâncias. As atividades femininas consideradas tradicionais, tal como a tecelagem e a fabricação de cerâmica, foram intensificadas por mulheres que não estavam inseridas no mercado de trabalho formal, objetivando vender as peças nas cidades para turistas e comerciantes. Nesse contexto, vale ressaltar a emergência de organizações de mulheres indígenas, tais como, associações e cooperativas, com vistas à produção de artefatos e também para discussão de temas afins aos problemas e realidades que vivenciam.

Em consequência disso, houve maior mobilidade entre os papéis sociais femininos e masculinos, em especial, quanto à fonte de renda, pois atualmente, as mulheres ocupam maior espaço em suas casas, ao contribuírem com o orçamento doméstico. Assim, podemos concluir que à medida que o processo de produção não está voltado somente para as funções internas do grupo, ligadas à tradição, os objetos tornam-se representações de processos sociais em mudança. Essa realidade varia em cada região e aldeia, pois depende dos laços que a população mantém com suas raízes e com a sociedade envolvente.

Conforme exposto na etnografia, as ceramistas representam um universo feminino que se encontra em constante transformação: entre o passado e os elementos da realidade que vivenciam, explicitado desde as formas e atribuições dadas à cerâmica até o significado que esta possui para a família, em especial, por servir como importante fonte de renda. Além do mais, o fato do presente artigo “olhar” sobretudo para os objetos cerâmicos, não revela apenas a forma como estes são feitos, mas também uma forma particular de concepção de mundo bem como a construção de uma identidade feminina e ainda um processo de etnicidade vivido pelos Terena.

Tudo isso é muito importante para percebemos as representações que a cerâmica tem para os Terena, tanto para os de Buriti como para os de Cachoeirinha. Mais do que uma fonte de renda, a produção dos artefatos de barro, reforça os sentimentos de pertença coletiva e demonstra para a sociedade envolvente que o povo Terena continua se identificando como índios.

Assim, enquanto uma expressão do olhar, práticas e usos femininos sobre o território, a cerâmica produzida pelas mulheres, demonstra como os papéis de gênero são construídos,

desempenhados e se relacionam, entre si e com a sociedade envolvente, ao mesmo tempo, em que representam as alternativas de resistência e sobrevivência desse povo diante todo o processo de espoliação dos territórios tradicionais, a luta pela retomada dos mesmos e conquista dos demais direitos constitucionais.

Referências bibliográficas

AZANHA, Gilberto. **As Terras Indígenas Terena no Mato Grosso do Sul**. Trabalho Indigenista, 2004. Disponível em <<http://www.trabalhoindigenista.org.br/Docs/As%20terras%20ind%C3%ADgenas%20Terena%20no%20Mato%20Grosso%20do%20Sul.%20Gilberto%20Azanha.pdf>> Acesso em 20 abr. 2006, 09:30.

BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. **A História do Povo Terena**. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

CAMURÇA, Silvia; GOUVEIA, Taciana. **O que é gênero?** Recife: SOS Corpo, 2004.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge; PEREIRA, Levi Marques. 2003. **Perícia antropológica, arqueológica e histórica da área reivindicada pelos Terena para a ampliação dos limites da Terra Indígena Buriti, municípios de Sidrolândia e Dois Irmãos do Buriti, Mato Grosso do Sul, Brasil**. Dourados (não publicado) (Autos nº 2001.60.00.003866-3, 3º Vara da 1º Subseção Judiciária de Campo Grande).

FERREIRA, Andrey Cordeiro. **Mudança Cultural e Afirmação Identitária – a antropologia, os Terena e o debate sobre Aculturação**. 2002, 117 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) -Museu Nacional do Rio de Janeiro, 2002.

GALAN, Maria Cristina. **As Terena**. 1994, 148 f. Dissertação de Mestrado (Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica, 1994.

KABAD, Juliana Fernandes. **“Isso aqui era nosso”: memória e construções de gênero sobre território tradicional Terena – Terra Indígena Buriti, MS**. UFMS (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais), Campo Grande, 2006.

LADEIRA, Maria Elisa; AZANHA, Gilberto. **Terena**. Instituto Sócio-ambiental, 2006. Disponível em: <<http://www.socioambiental.org/pib/epi/terena/terenas.htm>>. Acesso em: 24 abr. 2006.

LASMAR, Cristiane. Índias. In: **Dicionário das Mulheres no Brasil**. SCHUMACHER, Shuma; BRAZIL, Érico Vital (Org.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. Mulheres indígenas: representações. In: **Estudos Feministas**, vol. 7, n. 1, p. 143-156, 2/1999. ISSN 0104-026x

LIMA, Tânia Andrade. **Cerâmica Indígena Brasileira**. In: RIBEIRO, Berta G. **Tecnologia indígena - Suma Etnológica Brasileira**. Edição atualizada do Handbook of South American Indians.. VII. Vozes/FINEP, Petrópolis, 1987.

LITTLE, Paul E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. Série Antropologia, Universidade de Brasília, n. 322, 2002. Disponível em: <http://www.unb.br/ics/dan/serie_antro.htm>

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Processo de Assimilação dos Terena**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1960.

_____. **Urbanização e Tribalismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1968.

PEREIRA, Levi Marques. **Os Terena de Buriti: formas organizacionais, territorialização e representação da identidade étnica**. No prelo, 2007.

RIBEIRO, Berta G. **Arte índia - Suma Etnológica Brasileira**. Edição atualizada do Handbook of South American Indians.. VII. Vozes/FINEP, Petrópolis, 1986.

SCANONI GOMES, Luciana. **Da lua ao pote: uma etnografia da cerâmica terena**. UFMS (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais), Campo Grande, 2006.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. FGV, Rio de Janeiro, 2002.

SEGATO, Rita Laura. **Os percursos do gênero na antropologia e para além dela**. Série Antropologia, Universidade de Brasília, n. 236, 1998. Disponível em: <http://www.unb.br/ics/dan/serie_antro.htm>

SOUZA, Sandra Cristina de Souza. **Mulheres Terena: história e cotidiano**. 2000, 82 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

VARGAS, Vera Lúcia Ferreira. **A construção do território Terena (1870-1966): uma sociedade entre a imposição e a opção**. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2003.